



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

BRENDA ROBERTA GODINHO DE JESUS

Elas - A Quem Pertence o Feminino: um documentário sobre o gênero feminino e as construções sociais implícitas à ele.

Salvador

2023.2

BRENDA ROBERTA GODINHO DE JESUS

Elas - A Quem Pertence o Feminino: um documentário sobre o gênero feminino e as construções sociais implícitas à ele.

Memorial descritivo sobre o trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

¹Orientador: Prof: Dr. Alex Santos Barbosa

Salvador

¹ <https://youtu.be/l6xBKNiLAO4?si=Hb1MrxtdTIJ9GbCt>

2023

AGRADECIMENTOS

Aproveito para enaltecer a Universidade Federal da Bahia, que apesar dos estereótipos que tentam atrelar a esse espaço de ensino público, segue produzindo conhecimento científico de grande notoriedade para toda a comunidade acadêmica. Que esse espaço permaneça com ensino de qualidade, acessível e produzindo incríveis profissionais.

Gratidão ao corpo docente da Faculdade de Comunicação da UFBA, que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

Agradeço a Deus pela força e perseverança concedida durante todo esse processo. À família, em especial a minha mãe, que foi a maior incentivadora e pessoa que mais torceu pelo tão sonhado diploma. Todos meus esforços à ela.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre presentes e emanando as melhores energias.

GODINHO, Brenda Roberta. *Elas - A Quem Pertence o Feminino*. Orientador: Alex Santos Barbosa. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Este artigo apresenta o processo de criação do Documentário audiovisual “ELAS - A Quem Pertence o Feminino”, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do diploma da graduação de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo na Faculdade de Comunicação na Universidade Federal da Bahia. O produto audiovisual tem a pretensão de questionar o significado de ser mulher na sociedade contemporânea e, ao mesmo tempo, expandir os horizontes para as diferentes vivências femininas para além do padrão normalizado. Neste documentário será abordado algumas problemáticas que tocam e colaboram para a perpetuação dos estereótipos de gêneros. Não procura-se, no entanto, encontrar alguma resposta específica, ou uma definição direta que dite o conceito de ser mulher, mas sim elucidar as complexidades que envolvem o termo, apontando que há incontáveis formas de se identificar com o gênero feminino.

Palavras-chave

Gênero; Documentário; Mulher; Estereótipos; Feminino

ABSTRACT

This article presents the creation process of the audiovisual documentary “ELAS - A Quem Pertence o Feminino”, as a Course Completion Work (TCC) to obtain a diploma in Social Communication, with qualification in journalism at the Faculty of Communication of the Federal University from Bahia. The audiovisual product intends to question the meaning of being a woman in contemporary society and, at the same time, expand the horizons for different female experiences beyond the normalized pattern. In this documentary there will be some problems that touch and collaborate for the perpetuation of gender stereotypes. It is not sought, however, to find any specific answer, or a direct definition that says the concept of being a woman, but rather to elucidate the complexities that surround the term, aspire that there are countless ways to identify with the female gender.

Key words:

Genre; Documentary; Women; Stereotypes; Feminine

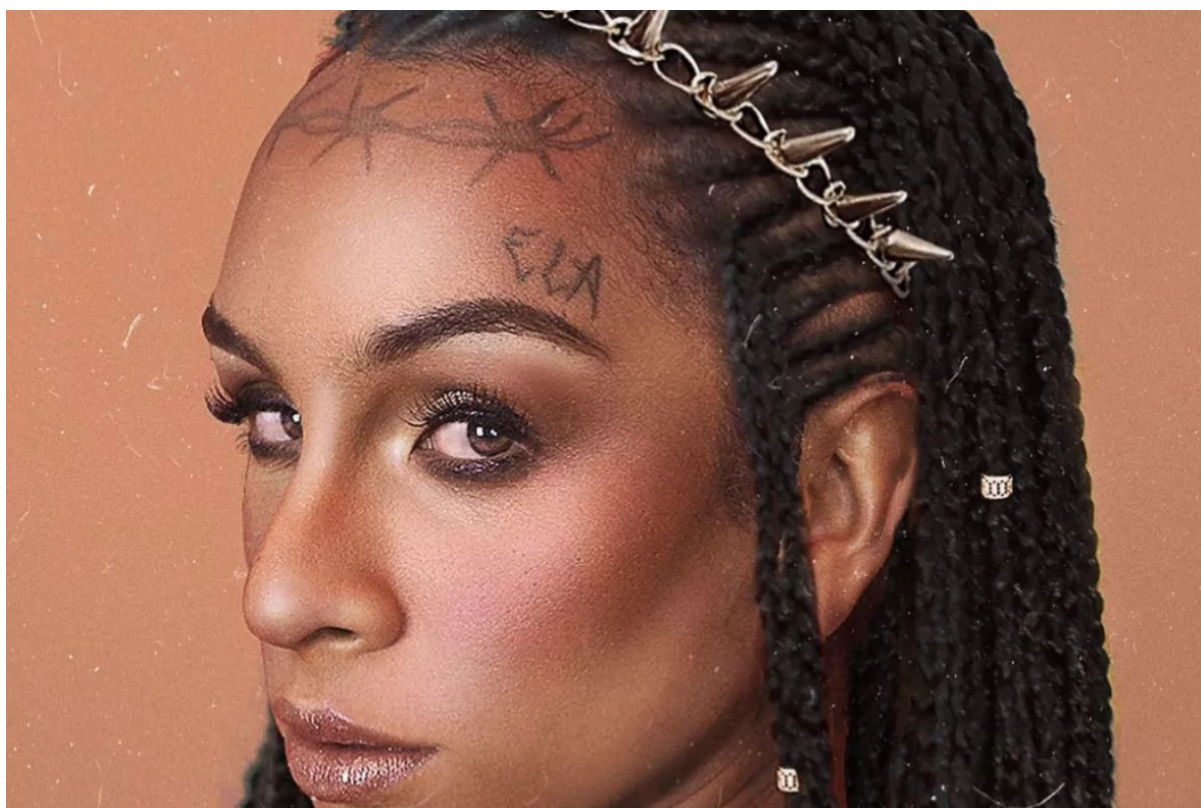
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O QUE É SER “ELA”?.....	9
2 PERFORMANCE DA FEMINILIDADE.....	10
3 GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO.....	11
4 A ESCOLHA DOCUMENTAL.....	13
5 REFERÊNCIAS ESTÉTICAS.....	14
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	15
6.2 PRODUÇÃO.....	16
6.3 O CENÁRIO.....	16
6.4 GRAVAÇÕES.....	17
6.5 APOIO FINANCEIRO.....	19
6.6 PÓS-PRODUÇÃO.....	19
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	21

INTRODUÇÃO

No dia 17 de janeiro de 2022 estreava a vigésima segunda edição de um dos programas com maior aclamação popular e alcance de audiência nacional, o Big Brother Brasil. Cujas temporadas seria a responsável por inúmeras polêmicas, assim como em todos os anos, contudo neste ano diferenciando-se com a participação de uma mulher trans, a segunda durante toda a história do programa.

Linn da Quebrada, atriz, cantora e compositora, aceitou o desafio da emissora televisiva Rede Globo, para participar do elenco da “casa mais vigiada do Brasil”², sendo a primeira travesti a se fazer presente no programa. Linn não é a primeira pessoa não cisgênero dentro do reality, isso porque a primeira mulher trans a estrear na casa foi Ariadna Arantes em 2011, mas a sister ainda não se sentia a vontade para falar em rede nacional sobre a sua identidade de gênero quando fez parte do BBB.



² O título “casa mais vigiada do Brasil” é um termo atrelado pela própria emissora televisiva, Rede Globo.

(Foto reprodução das redes sociais da artista. Na imagem, Linn Da Quebrada encontra-se maquiada, em um fundo com a cor que se assemelha com o tom da pele; a fotografia foca o enquadramento em seu rosto, que encontra-se posicionado semi-lateralmente, de maneira de evidência a tatuagem na parte superior da sobrancelha, com a escrita “Ela”)

De acordo com Lina, como ela gosta de ser chamada, sua principal vontade para fazer-se presente no elenco foi a possibilidade de abrir caminhos para as próximas e provar que pessoas trans e travestis não só podem como devem ocupar os lugares que lhe foram negados pela sociedade heteronormativa ao longo da história. A participante não imaginava, mas ela viria a ser uma das protagonistas do programa e importante chave na construção da narrativa da edição.

Apesar de antecipar os diversos tipos de situações desagradáveis que poderia vir a enfrentar, Linn concordou em assinar os papéis para se envolver em um reality, com a intenção de conseguir representar uma parcela da população fortemente invisibilizada e marginalizada. Não demorou muito e em menos de uma semana a participante já havia sofrido ao menos dois momentos de transfobia com o erro na utilização do pronome masculino: durante o primeiro almoço na casa, após a chegada de Linna no programa, a sister Eslovênia cometeu um erro ao se referir a Linn da Quebrada pelo pronome masculino “ele”; logo em seguida, Lina a corrigiu e disse que era “ela”. Com isso, a participante pediu desculpas pelo equívoco.

Tal situação é reflexo de uma sociedade transfóbica, que demonstra preconceito e marginalização sobre a pauta. Ao passo que o desconhecimento sobre o assunto paira sobre o imaginário social, há inúmeros equívocos cometidos, por intolerância ou por ignorância. Dessa forma, “erros” no uso do pronome acabam, infelizmente, sendo casos comuns e ordinários em uma sociedade que não impulsiona a circulação do conhecimento de assuntos que fujam dos padrões heteronormativos.

Este era apenas uma “falha” inicial, que foi repetida em uma série de situações transfóbicas camufladas em “ignorância” e que vinham sendo perpetradas por diversos outros brothers e sisters³ presentes na casa, tendo o destaque principal para Eslovênia, que viria a cometer sucessivas invalidações sobre o gênero de Linn.

Como de costume, o assunto foi reverberado pelos usuários nas redes sociais, que se dividiam basicamente em dois argumentos: enquanto uma parte afirmava nas redes que erros referentes a algum tipo de preconceito não podem ser mais relativizados e/ou abrandados, uma vez que são cometidos por pessoas jovens, que fazem parte uma geração menos intolerante e encontram-se em uma

³ Os termos brothers e sisters também foram apropriados pela emissora televisiva Rede Globo para se referir aos internos da casa.

realidade de fácil acesso ao conhecimento, e portanto possuem estereótipos e preconceitos menos enraizados, quando comparado à gerações anteriores; por outro lado, outros usuários opinavam que errar faz parte do aprendizado e que nem todas as pessoas sabem com profundidade sobre a pauta.

A passagem de Linn da Quebrada pelo programa de escala nacional reiterou a importância da discussão de identidade de gênero, evidenciando a forte onda de desconhecimento negligenciada pelo conhecimento popular. No que tange à compreensão da definição “ser mulher na sociedade contemporânea”, foi revelado que estereótipos de gênero permanecem fixados no imaginário social, impossibilitando e limitando a compreensão da pauta, uma vez que há complexidades maiores na compreensão da subjetividade feminina do que limitá-la à condição biológica, como por muito tempo na história se fez.

Este evento, da participação da Linna pelo reality, materializou diversas questões que sondam a sociedade em um plano invisibilizado, que culmina em ignorâncias e preconceitos em torno da pauta. Por isso, despertou em mim a vontade de abordar o tema com a atenção e profundidade devidas, sob uma perspectiva feminista interseccional. Diante do exposto, torna-se interessante a elaboração de um produto documental que contemple as questões levantadas, preocupando-se tanto com o conhecimento de pessoas que possuam o lugar de fala, quanto com agentes que detenham conhecimento técnico-científico sobre o tema, a fim de elucidar questões ainda embasadas na concepção popular.

Alinhado com a diversidade proporcionada pela contemporaneidade, o produto documental terá a participação de mulheres que responderão a questões como: o que elas definem como ser mulher; o que as tornam mulheres; elas se sentem representadas pelas mulheres de destaque nas grandes mídias? Para ser mulher é preciso ser feminina? Além disso, o produto também contará com fontes de conhecimento técnico, como sociólogos e cientistas políticos. O elenco que irá compor o documentário serão mulheres que abranjam uma vasta gama da diversidade, pensando nos inúmeros recortes sociais, para que o produto audiovisual alcance uma representação fiel à multiplicidade das mulheres no universo de possibilidade do real.

A idéia é não haver distinções e/ou marginalizações, pelo contrário, o doc irá abordar o quão difícil é definir o que é ser mulher, visto que Elas não podem ser definidas pela forma de se vestir, de falar, se comportar, tamanho do cabelo, estilo

da roupa, pela genitália que carrega ou qualquer outra forma pela qual a sociedade dite o que é ser mulher. Neste sentido, o produto contará com a participação tanto das mulheres cisgênero (pessoas que se identificam com o gênero atrelado a ela ao nascer), quanto mulheres transgênero (pessoas que não se identificam com o gênero atrelado a ela ao nascer). Todas elas serão reunidas em uma narrativa que as coloquem como equivalentes, sem descartar suas complexidades e diferenciações enquanto indivíduos.

Algumas questões pretendem ser levantadas, como por exemplo a dificuldade das mulheres lésbicas em serem entendidas e legitimadas como mulheres, mesmo quando não correspondem às expectativas de performar feminilidade que costumam lhe ser cobradas. Ou como não é necessário ter uma genitália específica para se sentir e ser mulher; além disso, as outras ramificações de não atender às demandas exigidas pela convenção social de parecer mulher.

1 O QUE É SER “ELA”?

Ao se pesquisar o significado da palavra “mulher” em um mecanismo⁴ de busca da internet, encontra-se uma breve explicação afirmando que a palavra é um substantivo feminino e que consiste em “uma pessoa do sexo feminino ou do gênero feminino”. A priori, a definição parece ser precisa, mas ao refletir em uma segunda instância, a questão torna-se mais complexa do que parece ser, ao compreender que a resposta pode ser diferente a depender do viés epistemológico da questão. A resposta, então, está sujeita a questões socioculturais que foram construídas no decorrer da história e estabeleceram-se no imaginário social.

A filósofa Judith Butler contribui para os estudos culturais com a ideia de Performatividade de Gênero. Em suas pesquisas, ela busca estabelecer a relação entre “uma teoria linguística do ato discursivo com os gestos corporais” (BUTLER, 2007, p. 31). Butler explica que, como membros da sociedade, absorvemos e reproduzimos os estereótipos de gênero que nos foram impostos desde o nascimento. Além disso, nossa cultura é um ciclo contínuo de reprodução dessas noções de gênero, que internalizamos e transmitimos aos outros. De acordo com a pesquisadora, a construção do gênero ocorre por meio da repetição de ações não

⁴ Mecanismos de busca são plataformas que possibilitam realizar pesquisas na internet; são ferramentas que fazem a intermediação entre o usuário e os sites da web.

contínuas, guiadas por normas que estabelecem uma conexão entre gênero, sexo e desejo.

Esses atos, gestos e realizações (...) são performativos no sentido de que a essência ou a identidade que pretendem afirmar são invenções fabricadas e preservadas mediante signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de que o corpo com gênero seja performativo mostra que não tem uma posição ontológica distinta dos diversos atos que conformam sua realidade (BUTLER, 2007, p. 266, grifos no original).

Os estereótipos de gêneros implicam em papéis pré-estabelecidos para cada indivíduo desde o início de suas vidas, sendo uma segmentação implícita e compulsória no comportamento social, que impacta diretamente na formulação do sujeito, conduzindo-o para as escolhas refletidas na forma de se vestir, de se comportar e de entender o mundo. De acordo com o Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), um estereótipo de gênero "é uma opinião ou um preconceito generalizado sobre atributos ou características que homens e mulheres possuem, ou deveriam possuir; ou das funções sociais que ambos desempenham ou deveriam desempenhar". Os estigmas acometem desde escolhas simples como quais ocupações praticar no tempo livre, até em decisões de qual profissão exercer. Isso significa dizer que estas imposições relacionadas ao gênero implicam na limitação do desenvolvimento da subjetividade de cada indivíduo.

2 PERFORMANCE DA FEMINILIDADE

Há quem diga que mulheres são mulheres porque carregam consigo uma afinidade maior com a sensibilidade, ou porque no corpo feminino predomina-se a dimensão da expressividade e afeição, que inclui a emocionalidade, a gentileza, a compreensão e a dedicação. Também ouvimos que para ser mulher tem que parecer feminina, serena, discreta e recatada.

Para a Filósofa francesa, existencialista e feminista, Simone de Beauvoir, as visões dos indivíduos são socialmente e culturalmente produzidas e por isso, não se nasce com elas, mas se aprende através da socialização. A escritora é conhecida pela frase "Não se nasce mulher, torna-se mulher", que encontrou embasamento ao discordar das atribuições de fragilidade ou de uma pré-disposição para cuidar de tarefas domésticas impostas às mulheres. Beauvoir afirma que estas definições, até então convencionais, estavam sendo usadas para subjugar as mulheres ao longo

dos tempos e, dessa forma, o papel dominante permanecer no monopólio patriarcal. Esta conclusão pertence ao seu livro “O segundo Sexo” escrito em 1949⁵.

Seguindo o pensamento da autora, não há nenhum destino biológico, psíquico, econômico que define a forma que a mulher deva assumir na sociedade, na verdade é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário. É possível afirmar que, para além do gênero ser uma construção social, torna-se evidente então que os papéis sociais também funcionam como ferramentas de controle, onde forjam-se argumentos que direcionam, definem e categorizam o papel do gênero na sociedade. Beauvoir argumenta que a mulher não nasce com uma essência definida, ela se torna o que é a partir de sua educação e de suas escolhas. A performance da feminilidade seria então uma construção social atrelada a todo e qualquer corpo denominado feminino. O produto documental se empenhará em refletir essa realidade.

3 GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

A filósofa e zóologa estadunidense, Donna Haraway, afirma em seu artigo, publicado em 1995, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, que é essencial reexaminar as relações entre sexo e gênero dentro desses campos de conhecimento. Para destrinchar as questões pinceladas acima, faremos o movimento de compreender o que indaga a questão que faz surgir o documentário. O gênero é um dos principais e o primeiro mecanismo utilizado para definir e diferenciar o indivíduo. Logo antes de nascer, ainda na barriga da mãe, é bastante comum ouvir a seguinte pergunta: “É menino, ou menina?”. O curioso é saber que esta resposta tem tanto destaque, uma vez que essa é a primeira informação dada pelos profissionais da medicina, assim que a criança vem ao mundo, antes mesmo de saber as condições de saúde do indivíduo que acabara de nascer. Como sabemos, a escolha do sexo e, por consequência, o gênero da criança, é definida a partir da genitália que o indivíduo possui. A partir disso, tudo ao seu redor é estruturado para corresponder com tal gênero pré-determinado: cores das roupas, do quarto, o estilo dos brinquedos, dentre

⁵ A afirmação “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” encontra-se na página 7 do livro: O Segundo Sexo II Volume, de Simone de Beauvoir

diversas outras segmentações que implicarão na construção da identidade do indivíduo.

No que tange a pauta de gênero, duas questões são instantaneamente levantadas. A primeira, diz respeito a falsa ideia que atrela o sexo como sinônimo de gênero, concepção essa que consegue ser facilmente desmistificada. Quanto ao segundo quesito, seria o pensamento coletivo de entender a identidade de gênero apenas como feminino e masculino, sob uma proposta conservadora de pensar a questão como um fenômeno binário⁶.

Inicialmente faz-se necessário diferenciar os conceitos de sexo, da definição de gênero. O termo sexo está ligado à composição cromossômica do indivíduo e ao tipo de aparelho reprodutor dele resultante, ou seja, das características que tocam a esfera biológica de um ser humano. Enquanto o gênero, por sua vez, diz respeito ao arranjo de traços da personalidade de uma pessoa, são características intrapsíquicas e comportamentais, que podem ser consideradas típicas de homens e mulheres, bem como definiu Rhoda Unger (1939-2019). A psicóloga e feminista norte-americana classificou o gênero como a soma das características psicossociais consideradas apropriadas a cada grupo sexual, sendo a identidade de gênero o conjunto destas expectativas, internalizado pelo indivíduo em resposta aos estímulos biológicos e sociais. Os estudos de Simone de Beauvoir também colaboram na compreensão dessa distinção.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.

(BEAUVIOR, 1949, p. 9)

Outra confusão acontece no imaginário social ao entender a identidade de gênero como apenas duas alternativas: homem e mulher. O seu significado, porém, alarga-se de modo a abranger outras possibilidades e identificações. Isso porque o gênero pode ser entendido como um papel social e, por isso, tem a capacidade de ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser pensado como algo mutável e não limitado. Desta forma, existem diversas identidades de gênero, incluindo masculino, feminino (sendo cisgenero ou transgênero), com: gênero neutro, não-binário,

⁶ O binarismo de gênero implica na concepção que normatiza a classificação através de duas alternativas, sendo elas distintas e opostas: homem e mulher, masculino e feminino. Porém, essa é uma realidade limitante que interfere na produção do sujeito.

agênero, pangênero, genderqueer, two-spirit, terceiro gênero e todos, nenhum ou uma combinação destes⁷. Judith Butler, em seu primeiro livro “Problemas de Gênero” afirma em sua teorização sobre o binário:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor. (BUTLER, 2003, p 330)

A proposta deste produto não será, portanto, discorrer sobre todas estas identidades e sim focar no que significa ser mulher na sociedade contemporânea. Gênero este que teve inúmeras associações ao longo da história e carrega até os dias atuais rótulos a serem cumpridos, para que de fato uma pessoa se sinta mulher.

4 A ESCOLHA DOCUMENTAL

O formato documental escolhido para o produto de conclusão de curso será produzido de forma simples e com recursos acessíveis. O material audiovisual se preocupa em construir um ambiente que domine as técnicas necessárias de um bom registro e construção de uma narrativa que coincida com a realidade e veracidade.

O documentário engaja-se no mundo pela representação, fazendo isso de três maneiras. Em primeiro lugar, os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. (Nichols, 2005, p 28)

Inicialmente, a proposta é de que o projeto seja realizado apenas por mim. Desta forma, eu ficaria responsável pela produção, roteirização, direção fotográfica, direção artística, captação de imagem e áudio, além da edição. Destarte, é necessário destacar que o significado do documentário, segundo Bill Nichols, um pensador e teórico americano de cinema, mais conhecido por seu trabalho pioneiro como fundador do estudo contemporâneo sobre o documentário, é que produto documental se preocupa com a expressividade continua ligada às representações sobre o mundo social e histórico dirigidas aos espectadores.

⁷ Definições das identidades não-binárias: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>

Documentário é o que poderíamos chamar de “conceito vago”. Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados “veículos”. Como sugerem as formulações que vimos no Capítulo 1, um documentário organizado como *Ele fala deles para nós* tem qualidades e afetos muito diferentes de outro, organizado como *Nós falamos sobre nós para eles*. No entanto, essas diferenças são apenas o começo, (“Como veremos, existem várias distinções entre um documentário e outro, embora, apesar delas, continuemos a pensar em todo um conjunto de filmes como documentários. (Nichols, 2005, p 48)

Stuart Hall (1997) diz que nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. De acordo com essa premissa de Hall, podemos entender que a cultura tem um papel essencial na formação das identidades sociais e compreensões dos fenômenos em torno da sociedade. Na obra “Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” de Stuart Hall, o autor aponta a mídia como um dos principais meios de circulação de ideias e imagens vigentes na sociedade. Com isso, este espaço criado pelas novas tecnologias possibilita a introdução de mudanças na consciência popular.

Atualmente séries, filmes e documentários são destaques no leque de produtos culturais consumidos pelas pessoas, produtos estes que acabam tendo papel fundamental na interpretação e formação de cultura das pessoas. Desta forma, faz-se necessário a participação de uma narrativa educativa, inclusiva e representativa nestes ambientes audiovisuais, pois assim como Hall diz, as subjetividades também são produzidas de modo discursivo e dialógico⁸.

O documentário, que será composto de entrevistas com mulheres que tentam definir, a partir de suas experiências, o que é ser mulher, também contará com cenas experimentais. Sem fugir do formato documental, pretendo adicionar participações artísticas com atuações metafóricas, mesmo que singelas, a fim de criar uma ambientação teatral e simbólica sobre o tema.

5 REFERÊNCIAS ESTÉTICAS

A priori, este projeto documental beberá da fonte estética do filme “Negritudes Brasileiras”, idealizado por Nátaly Neri, cientista política e produtora de

⁸ Stuart Hall: cultura, identidade e representação 2000

conteúdo para as redes sociais⁹. Nesta produção, houve uma construção do cenário de maneira que, com poucos recursos, foi possível estabelecer uma atmosfera estética harmoniosa e interessante para a própria construção da narrativa do produto audiovisual. Este documentário aborda o debate racial brasileiro, localizando-o no tempo presente com a ascensão de novos conceitos como representatividade e a crescente popularização da internet. Além disso, segundo a própria idealizadora, surge da demanda de muitos seguidores do Afros e Afins¹⁰ que durante três anos de existência do canal perguntaram sobre identificação racial.

Para além da construção visual criativa e instigante, penso que o projeto e o produto de Nátaly Neri se assemelham justamente por propor uma definição das temáticas sociais, porém enquanto o projeto se debruça sobre as questões de gênero (o que é ser mulher nos dias atuais?), o filme "Negritudes Brasileiras" se desdobra sobre temáticas raciais (quem é negro e quem não é no Brasil?). Saliento aqui a importância de usar como referência uma mulher negra na produção audiovisual, com a intenção de que a representatividade esteja para além das telas e das personagens que constarão no projeto de conclusão de curso, alcançando uma representação real e além do enredo.

No que tange a breve cena artística citada anteriormente, será criada utilizando como referência uma das cenas do filme "Medida Provisória", quando o ator Seu Jorge, que interpretou o personagem André, utilizou tinta branca em todo seu corpo em um esforço compulsório (e visivelmente torturante) de tentar parecer uma pessoa branca. Esta cena será adaptada para a narrativa de gênero, utilizando tinta rosa em uma breve encenação simbólica.

6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O processo de pré-produção se iniciou com pesquisa para compreender o processo documental e o cenário de produções documentais sobre o tema, a fim de se pensar possíveis diferenciações e inspirações. A pesquisa bibliográfica e o levantamento de quais autoras estarão direta ou indiretamente no produto documental foi a seguinte fase do processo.

⁹ Documentário disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SMIRaztcAwQ>

¹⁰ Canal do Youtube, feito por Nátaly Neri, sobre beleza vegana, moda de brechó, vlogs e reflexões cotidianas, com engajamento político

A partir disso, o empenho foi concentrado na criação do roteiro, planejamento de cenário e pesquisa de possíveis fontes. O roteiro espelho foi pensado entendendo que a produção de um documentário muitas vezes implica na captação de cenas não esperadas, assim como a não captação de cenas imaginadas anteriormente. Por isso, entende-se o espelho do roteiro como fase primária da produção documental já imaginando a flexibilização do planejamento.

Apesar de ser uma fase inicial, este é um período crucial que implica no desenvolvimento das próximas fases. Por isso, acredito que mesmo após prosseguir para a fase seguinte, seja necessário reajustes e adaptação para a realidade do momento. Neste período de pré-produção há incertezas no que tange a utilização de equipamentos, sendo provável uma hibridização na utilização tanto de máquinas profissionais, quanto da câmera do smartphone.

6.2 PRODUÇÃO

O período se iniciou com a chegada do semestre de 2023.1, quando realizei, junto ao diretor da Facom-UFBA, Leonardo Costa, uma visita técnica para localizar o espaço em que montaria o cenário. Era preciso um espaço de livre acesso, mas que se distanciasse de um lugar com muita movimentação e barulho, para evitar ruídos nas gravações. Foi então sugerido pelo diretor que eu utilizasse o gabinete do meu professor orientador, que estava em desuso. A sugestão foi aderida pelo orientador, e no gabinete consegui realizar as gravações para fontes específicas.

Neste momento, também foi levantado o embasamento bibliográfico, para saber por onde o roteiro irá perpassar e quais temas e definições são cruciais para o produto documental.

6.3 O CENÁRIO

O cenário montado na sala, tinha o propósito de servir como espaço para participação da fonte técnica. Uma espécie de ambientação estática para compreensão do espectador de que tal participação é uma pessoa com conhecimento aprofundado sobre o tema debatido. Além disso, também cumpriria a função de apoio para outra gravação que precisasse ocorrer na ufba, como aconteceu.



A construção de todo o documentário se preocupou bastante com a estética, tanto quanto a narrativa. Haja vista que a informação visual pode ser uma ferramenta impulsionadora na compreensão das informações que se deseja passar. Para mim, foi fundamental que o cenário tivesse uma construção narrativa imagética. O painel do cenário foi elaborado através de colagens de imagens entendidas como "românticas" e "singelas", para simular papel de parede que quartos antigos costumavam ter. A cadeira acompanha o mesmo estilo da estética da colagem, beirando o estilo rococó. A ideia do uso dessa estética foi ressaltar que a definição sobre ser mulher está defasada, é retrógrada e precisa de manutenção. Também pode-se notar que os papéis de paredes estão desgastados, reforçando que estão desgastados, tal qual como as regras criadas acerca das concepções de gêneros, que estão arcaicas e não vingam mais.

6.4 GRAVAÇÕES

As gravações foram um verdadeiro obstáculo, pois as fontes tinham suas demandas particulares, o que era o esperado, e as gravações aconteciam nos períodos livres delas, o que é totalmente plausível, mas impossibilitava a celeridade que o momento pedia. Outro fator que na prática foi mais desgastante do que o

imaginado, foi o fato do produto documental necessitar de diversidade na sua essência, e essa multiplicidade implica em muito empenho na produção e muito tempo para alcançar um elenco minimamente plural. Isso foi o fator potencializador que estendeu o período das gravações.

Foi necessário realizar quatro locações dos equipamentos no LabAV. Sendo assim, destaco abaixo a ordem de cada gravação:

PERSONAGEM	DATA DA GRAVAÇÃO
Tiffany Conceição	27.04.2023
Jade Lu	27.04.2023
Mestra Janja	03.05.2023
Gil Lima	03.05.2023
Gleice Ferreira	04.05.2023
Amanda Soares	14.05.2023
Daniele Costa	15.05.2023

É necessário destacar que, além das fontes marcadas, houveram fontes espontâneas, que participam de forma rápida no documentário, mas servem como ponto de ligação entre uma cena e outra, auxiliando na costura entre os personagens.

A falta de recurso não possibilitou a execução das imagens artísticas idealizadas, com uso de tinta. Além do fato de que, com o grande número de fontes, as cenas artísticas iriam exceder o teto do tempo pré-estabelecido (máximo de 36 minutos). Sobre as entrevistas, todas foram gravadas com as câmeras do Laboratório de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFBA. Mas em alguns momentos, fiz registros com o smartphone, como segunda câmera nas entrevistas.

6.5 APOIO FINANCEIRO

Houve procura por patrocínio. Inicialmente propôs uma parceria com a loja de departamento Marisa Maior, em contato com a assessoria de comunicação nacional da empresa. No contato com a sede em São Paulo, sugeri uma colaboração financeira da empresa em troca do produto audiovisual, que poderia ser usado como algo similar à um material de publicidade para a Marisa, em uma troca de mão dupla. A priori, o setor de comunicação da varejista demonstrou interesse na proposta, que incluía apoio financeiro, mas com o cenário de instabilidade e prejuízos líquidos que tiveram grande repercussão, o projeto acabou perdendo espaço nas demandas de retorno da ascom da Marisa. Também realizei contato com a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), porém o retorno sobre a proposta foi mais distante, visto que não houve interesse no apoio.

6.6 PÓS-PRODUÇÃO

Neste momento realizei a decupagem das sete gravações feitas, além das cenas espontâneas, reorganizei o roteiro, visto que o resultado das cenas captadas concretizaram as cenas do espelho do roteiro, mas nem todas foram alcançadas, como o esperado em qualquer produção documental. Após isso, pensei na ordem dos takes e cenas gravadas, para aplicar na edição. Com os materiais captados, esta fase foi a responsável em pensar na edição e montagem do produto audiovisual. Aqui aprendi muita coisa da edição que ainda não sabia, mas também apliquei meus conhecimentos de edição, adquiridos ao longo da graduação. Sou uma editora de conhecimento mediano e fiquei muito satisfeita com o resultado alcançado, percebi que algumas técnicas que aprendi deixaram o trabalho de edição com um resultado levemente sofisticado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O formato documental foi escolhido com base na justificativa de ser um produto que sempre me chamou a atenção durante a graduação, bem como o tema. Além disso, acredito que o modelo audiovisual seja o ideal para ilustrar a ideia de projeto. Ao passo que esta será uma experiência introdutória no audiovisual, há a pretensão de que surja um produto final aprimorado de técnicas e com potentes

narrativas, tendo em vista uma ambição realista de uma pessoa que irá produzir, roteirizar, dirigir e editar o documentário. Utilizando-se da ambiguidade, o produto irá tentar definir o que é ser mulher na sociedade contemporânea, a partir da abordagem que ilustra as diferentes vivências das mulheres do território soteropolitano e, ao mesmo tempo, irá apontar que não existe uma definição precisa para o gênero. A expectativa é de que surja um produto potente, inclusivo e educativo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo Sexo. (1949).

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. (2003).

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade. (1997).

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. (1995).

NERI, Nátaly. Documentário Negritudes Brasileiras. (2018).

NOCHOLS, Bill. Introdução ao documentário. (2005).

UNGER, Rhoda. Feminino e masculino: Perspectivas psicológicas. (1979).